

## **A ESCOLA TRADICIONAL NA MINHA RELAÇÃO COM O SABER: MEMÓRIAS DE OBEDIÊNCIA E TRANSGRESSÃO**

Ao colher lembranças da minha primeira infância e relatar fatos ocorridos nesse período da minha vida, fico a refletir sobre os vários perfis de alunos, professores e, sobretudo, sobre os diferentes princípios educacionais que levamos conosco ao longo da construção da nossa história, já que, através destes, construímos o nosso caráter e edificamos os valores que nos servirão de alicerce ao longo da nossa vida.

Devo confessar que o meu lado otimista, ingênuo me faz enxergar todo o meu processo educativo pelo lado positivo dos fatos, não por considerá-lo fácil, mas por não ter sentido, de forma direta, o peso da escola tradicional. Portanto, hoje elenco momentos muito especiais vividos ao lado de pessoas muito marcantes que ajudaram a construir a minha personalidade. De acordo com Charlot (2000, p. 47),

Aí, também, um princípio fundamental para compreender-se a experiência escolar e para analisar-se a relação com o saber: a experiência escolar é indissociável, relação consigo, relação com os outros (professores e colegas), relação com o saber.

Considero que os primeiros contatos de uma criança com a escola e a sua relação com o saber se encontram muito vinculados aos processos de aquisição da leitura e da escrita, bem como acredito que o processo de alfabetização e letramento se inicia desde o seu nascimento. Pensando assim, começo a relatar as minhas relações com o saber, tomando como base as minhas primeiras experiências com a leitura.

Sou filha de uma professora e, desde que nasci, estive envolvida no universo letrado, fato este que me instigou a curiosidade e fazia crescer em mim a vontade de aprimorar minhas habilidades de leitura e escrita. E isso me remete a Charlot (2000, p. 47): “não há relação com o saber senão de parte de um sujeito; e o sujeito é desejo”.

Minha mãe foi a principal personagem no cenário da minha alfabetização. Sempre me proporcionou ambientes cheios de livros e informações, presenteando-me, diariamente, com um conhecimento oriundo das mais diversas fontes. O desejo de dominar a leitura sempre me era instigado. Ainda me recordo, com saudade, da coleção

de “contos de fadas”, confeccionada com material colorido, cheio de cores e atrativos à curiosidade pueril. Inicialmente, realizava apenas a leitura visual, dando asas à minha imaginação. Logo depois, partia para a decodificação das primeiras palavras, frases e pequenos textos.

Fui “alfabetizada” através de métodos bastante sintéticos. Minha mãe me apresentou, primeiramente, as letras; posteriormente, me revelou que cada letra tinha a sua própria família silábica. A partir dessas famílias silábicas, era-me possível formar frases simples e pequenos textos. Assim, posso confessar que sou da época dos textos cartilhados e sem atribuição de sentidos, textos os quais me proporcionavam uma leitura mecânica, que me conduzia meramente à missão da decodificação de símbolos. Sou produto do método alfabético onde “Vovô viu a uva” e a “Babá é boa”.

Assim, ao ingressar na escola, já estava pronta para receber, do ensino tradicional, apenas alguns retoques finais, para que o processo de decodificação de frases e textos se concretizasse em minha vida e, posteriormente, pudesse ingressar no universo de infinitas aventuras que só o mundo letrado é capaz de nos oferecer.

A primeira escola que frequentei era muito tradicional e conservadora, pois era coordenada por freiras. Ao ingressar ali, tive como primeira professora um anjo que chamávamos docemente de “tia Finha”. É com lágrimas nos olhos, mas lágrimas de alegria – quero deixar bem claro – que me recordo do seu cheiro de rosas, sua cor de jabuticaba e seu sorriso de marfim. Foi com ela que se iniciou o processo mais sistemático da minha aprendizagem.

Como toda escola conservadora, porém, apresentava alguns aspectos peculiares: crianças enfileiradas, silêncio e alunos robotizados. Desde então, toda a minha experiência educativa perpassou por um processo tradicional de decodificação e repetição que não me proporcionava a construção de uma personalidade crítica. Tal fato me remete aos autores Dimenstein e Alves (2003, p 8), que, no livro **Fomos Maus Alunos**, nos inquietam a pensar sobre a relação entre obrigação e devoção:

Mas o ditado popular aponta: *Primeiro a obrigação, depois a devoção*. O aluno, sem querer, mas obrigado, arrasta-se sobre o dever que lhe é imposto. O corpo e o pensamento se resistem. [...] Mas existirá uma razão por que a “obrigação” e a “devoção” devem ser inimigas?

Neste universo de deveres, era uma criança tímida e muito quieta. Não fiz muitas amizades nessa etapa da minha vida e não me recordo de ter tido as minhas dificuldades de socialização trabalhadas; ao contrário, era sempre incentivada a ficar quieta e calada, pois este era o modelo de aluno ideal.

Da escola, o que mais gostava era o recreio, quando, aos poucos, aprendi a realizar brincadeiras ao lado dos outros colegas de turma. Isso me ajudava a tornar o cotidiano escolar menos enfadonho e monótono. Isso me faz recordar um dos pensamentos de Novaski (In MORAIS, 1988, p. 14), que alerta acerca do fato de que

Lamentavelmente percebe-se quão contraproducente é a escola que, por mecanismos os mais diferentes, afasta as pessoas das pessoas, isto é, está conseguindo objetivos opostos àqueles segundo os quais deveria ser erigida, trazendo para o cotidiano, fora da escola, sequelas de difícil absorção.

Nos primeiros anos frequentava a escola perto de casa, sempre acompanhada de minha mãe (muito rígida e presente), pois o intuito dela era monitorar todos os meus passos. Fui uma aluna que não contestava fatos, tampouco refletia sobre estes. As notas altas se deviam à capacidade de decorar, com facilidade, os exercícios propostos às provas aplicadas. Então, remeto-me novamente a Dimenstein e Alves (2003, p. 39):

Na escola, os pensamentos devem aparecer nas horas certas. Há uma hora para pensar matemática. Passada a hora, soa uma campainha. É hora de pensar ciências... Mas o pensamento não funciona com hora marcada!

Ao ingressar no Ensino Fundamental II, as coisas não mudaram muito; as nossas cadeiras continuavam enfileiradas, e as aulas não proporcionavam nenhum momento de reflexão. Muito menos nos conduziam à criticidade diante do sistema que nos era imposto.

Lembro-me muito bem dos textos e exercícios ditados pela professora de Educação Moral e Cívica e de suas aulas onde era proibido questionar ou dirimir eventuais dúvidas, assim como me lembro, também, dos trabalhos de Geografia onde a nossa única missão era desenhar os mapas indicados pela professora. E as nossas dúvidas diante do mundo? Estas eram guardadas para tratarmos durante as nossas conversas informais. Talvez!? ... Ou nunca!?

Nesse período, os nossos melhores momentos eram aqueles vividos na hora dos intervalos e aulas vagas, pelos corredores da escola, onde nos divertíamos, muito, com as piadas e as histórias em comum. Mas isso era feito de forma muito discreta; caso contrário, seríamos conduzidos de volta à sala de aula. Recordo-me de que ali éramos proibidos de mascar chiclete e usar batom. E a indisciplina era combatida de forma severa, por meio da suspensão temporária das aulas, chegando aos casos extremos de expulsão.

Aos 14 anos me propus realizar o exame de seleção da então Escola Técnica Federal da Paraíba, atual IFPB, para cursar o Pró-técnico e, posteriormente, concorrer a um dos cursos técnicos oferecidos pela instituição, onde fui aprovada. Nesse período, apesar da sala de aula continuar sendo o lugar do silêncio e das cadeiras enfileiradas e de sermos conduzidos em filas indianas, mantendo, assim, a ordem e os bons hábitos de respeito à escola tradicional, foram-me apresentados os tais textos para reflexão. Assim, experimentei o desprazer das minhas primeiras notas baixas... Fiquei perplexa! Meus olhos nem acreditavam no que estavam vendo! Minha primeira nota tinha sido um 5,0 (cinco). Como que eu, que outrora era aluna nota dez, estaria ali tirando notas baixas?! Quanto ao fato de alimentar o equívoco proporcionado pelo falso sabor da inteligência enganosa, cito Morais (1988, p. 19-20):

Há a arrogância da inteligência, sempre muito amiga do arbítrio e, ao mesmo tempo, mantida por um elitismo desprezador; bem como há – e para tal é que devemos estar atentos – inteligências que se cumprem como toda inteligência deve se cumprir: olhando perplexa e curiosamente para essa coisa rica que é a vida, procurando ver além das aparências externas (intuslegere), mas nunca deixando de praticar o que Nietzsche chamou de “a arte da desconfiança”, nem abandonando a oportunidade de perceber o oceano de ignorância que cada passo da nossa inteligência desvenda a nossa frente. Falo da humildade de querer saber, mas não sem questionar as formas de atingir tal anseio.

Então, percebi que, para obter êxito durante a realização daquele curso, teria que me aprofundar nas leituras sugeridas e estimular a interpretação de textos, bem como exercitar a escrita dessas interpretações. Mais uma vez, teria que encontrar o “móvil” (Charlot, 2000), sozinha, através de esforço e reavaliação própria. Assim o fiz, e minhas notas passaram a melhorar significativamente, sendo aprovada para o curso de Edificações, o qual nunca cursei, tendo em vista que o meu pai considerava um curso para “homens”.

Foi assim que decidi cursar o pedagógico e seguir a carreira de professora, como a minha mãe. Mais uma vez, permiti-me ser reprimida, enquanto mulher e enquanto ser humano, frente a uma visão machista; visão, esta, pela qual não culpo nem a meu pai e nem a mim, mas, sim, a um sistema social que impõe suas opressões como verdades absolutas.

A primeira ruptura com o modelo educacional que me foi proporcionado, de forma mais consciente, aconteceu ao ingressar no curso pedagógico (antigo curso normalista). Essa relação se iniciou de maneira muito tímida. Contudo, de certa forma, a tenho como referência, isso porque, ali na Escola Normal Estadual Professora Maria do Carmo de Miranda, passei a enxergar o sistema social, político e educacional do nosso país de forma crítica, assumindo uma postura consciente diante dos fatos que ocorriam ao meu redor.

Nesse período, passei a fazer parte do grêmio estudantil do “Normalista” (assim a escola era conhecida naquele época), participando na organização das passeatas e atos de repúdio ao atual sistema político que assolava o nosso país nos anos 90. Entre greves, protestos e passeatas, me encontrei e me assumi PTista, construindo, assim, a minha personalidade enquanto cidadã crítica, capaz de fazer minha própria história e contribuir para as mudanças na vida da sociedade sofrida da qual eu era parte.

Na Universidade, tive a oportunidade de ampliar essa visão crítica diante dos fatos que nos rodeiam e dos textos que me prontifico a ler e analisar, embora me considere eterna aprendiz na interpretação da dinâmica da vida. Afinal, segundo Dimenstein e Alves (2003, p 35), “o conhecimento é uma experiência prazerosa. Não somente isso: é um prazer que engravida as ideias”.

Hoje, ao realizar uma análise reflexiva sobre todo o processo educacional vivido nos anos 80 e 90, vejo o quão cruel nos foi o sistema de ensino daquela época. E, ao escutar os testemunhos de pessoas que vivenciaram e provaram os dissabores deste mesmo sistema educacional, enxergo quantos traumas a nossa geração foi obrigada a mascarar, em nome da sobrevivência, por conta de situações a que foi exposta no período escolar. E me guardo o direito à perplexidade diante do fato de não termos evoluído, já que as nossas salas de aula permanecem, em sua grande maioria, alimentando a mesma prática educacional que, em sua essência, traz valores que servem de base a uma sociedade que exclui e reprime o principal aroma da vida: “o saber”.

## Referências

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIMENSTEIN, Gilberto. ALVES, Rubem. **Fomos Maus Alunos**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MORAIS, Regis (Org.). **A Sala de Aula**: que espaço é esse? 3.ed. Editora Papirus, Campinas, SP, 1988.

## Flávia Sousa de Sena

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, com especialização em Supervisão Escolar. Professora da rede pública de ensino nos municípios de João Pessoa (atuando na Educação de Jovens e Adultos) e Santa Rita (anos iniciais do ensino fundamental). Possuidora de uma trajetória estudantil em escola pública, sobrevivente dos contextos educacionais do ensino tradicional. No texto “A escola tradicional na minha relação com o saber: memórias de uma obediência e transgressão” relata suas experiências de estudos vividas de 1982 a 1993, com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

E-mail: [flaviasena.alves@hotmail.com](mailto:flaviasena.alves@hotmail.com)

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016